



O DESAFIO TEOLÓGICO POLÍTICO ISLÂMICO-OCIDENTAL E OS ENSINAMENTOS FREUDIANOS

THE POLITICAL THEOLOGICAL ISLAMIC – WESTERN AND THE FREUNDIAN TEACHINGS

Maria Cristina de Tavora Sparano*

Doutora em Filosofia/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Professora da Universidade Federal do Piauí
E-mail: cris-sparano@ufpi.edu.br
Teresina, Piauí, Brasil

*Endereço: Maria Cristina de Tavora Sparano
Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Departamento de Filosofia. Campus
Ministro Petrônio Portella. Ininga, CEP: 64.049-055, Teresina/PI, Brasil.

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho

Artigo recebido em 15/02/2013. Última versão recebida em 12/03/2013. Aprovado em 13/03/2013.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

RESUMO

Neste trabalho procuramos mostrar, através de um dos textos freudiano: *Moisés e o Monoteísmo*, que os povos do Oriente têm como fonte religiosa o monoteísmo. As questões levantadas por Freud, as questões do povo judeu, assim como as questões levantadas pelo Islã sempre padeceram de um mesmo mal – um Pai, convergência não apenas religiosa mas também política para esses povos. O conflito entre árabes e judeus pode ser tratado como um sintoma atual de um problema que está na origem desses povos. O sintoma expresso por essas civilizações tem impacto na sociedade globalizada por resistir à singularidade do sujeito. Analisar a sintaxe do sintoma paterno presente no homem e projetado na civilização pode contribuir para a compreensão, tanto do conflito humano quanto social da atualidade. A Ética da Psicanálise é exemplar ao tratar tais questões ético-políticas.

Palavras-chave: monoteísmo; sociedade; sintoma; sujeito.

ABSTRACT

Our aim in this paper is to purport, by means of a freudian text, namely *Moses and Monotheism*, that the Eastern peoples have monotheism as their religious source. The issues raised by Freud, the Jewish people's problems, as well as those proposed by Islam, have always undergone the same pain: a Father, converging point not only religiously, but also politically for those peoples. The conflict between Arabs and Jews might be treated as an up-to-date symptom of a problem which lies in the origin of those peoples. The symptom expressed by those civilizations has a deep impact in globalized societies since it resists to the singularity of the subject. The analysis of the syntax of the father-figure symptom present to man and projected in civilization may contribute to the understanding of contemporary human as well as social conflict. The Ethics of Psychanalysis is a paragon when dealing with those issues.

Keywords: monotheism; society; subject; synthom.

O saber precede o sujeito. O saber não é uma suposição, supõe um sujeito que trabalha por esse saber. Só a experiência da análise permite dar uma consistência não religiosa a essa suposição e, ao mesmo tempo, contrariando a construção racionalista. (COTTET, 1987, p. 11)

MOISÉS E O MONOTEÍSMO

O texto *Moisés e o Monoteísmo (1938 – 1939)* de Freud, finalizado no último ano de sua vida, apresenta a figura de Moises como o fundador da religião judaica e o condutor do Êxodo do Egito à terra palestina. Ali os judeus se instalaram, apesar de todos os conflitos presentes na história desse povo e desse território, conforme constatamos nos dias atuais.

A primeira parte do texto apresenta uma série de indícios, hipóteses, cujas premissas são relativas à controvertida figura de Moisés. A principal indagação é sobre a origem de Moisés. A hipótese de que seria um nobre egípcio abandonado e criado por judeus ou filho de um judeu levita criado por uma princesa egípcia intriga e leva o leitor a perguntar por sua verdadeira origem. No entanto, como veremos mais adiante, essa é apenas uma estratégia para situar historicamente a fonte do texto, mas, do ponto de vista lógico, a questão é disjuntiva: “ser isso ou aquilo”, o que é mais relevante para nossa investigação do que o ponto de vista factual. O que está em jogo não é uma questão apenas de nacionalidade, mas a posição de Moisés, como líder para seus seguidores e a configuração mítica que esta figura recebe, a de herói, com todas as características que lhe são atribuídas.

Outro ponto a ser considerado é aquele em que Moisés chega à terra prometida e apresenta uma interessante investigação geográfica que, mesmo ligada à religião judaica, apresenta contornos políticos e alianças relacionadas aos povos que ali habitavam.

Segundo Freud (1938-1939):

O Êxodo do Egito foi estabelecido por volta do fim da XVIII dinastia - 1350 a.C. (...) Por volta de 1225-1215 a.C. haveria tribos israelitas radicadas em Canaã (...) suspeitamos que dentro desse século, o Êxodo está muito próximo dessas datas e os sucessos do Kadesh (união e conversão religiosas) não estão longe da segunda. O lapso de tempo que apaziguara os imigrantes das paixões, devidas ao assassinato de Moisés e a influência de sua gente - os levitas, aumenta na medida em que pressupõe o compromisso do Kadesh¹ (...) O deus Jahve, a quem Moisés, o medianita (não o egípcio) conduziu o novo povo, não era provavelmente um ente extraordinário, era um deus local, violento e mesquinho, brutal e sanguinário, que havia prometido a seus prosélitos a “terra que dá leite e mel” e os incitou a exterminar “com o fio da espada” a quem a habitasse (...) nem sequer é seguro que sua religião fosse

¹ FREUD, S. *Moises y La religion Monoteísta*. In: Obras Completas. Ensaio CLXXXVI. Tomo III. 4. ed. Madri: Biblioteca Nueva, 1981a. pag. 3268

monoteísta. Moisés, o egípcio, havia dado a uma parte de seu povo uma representação divina mais espiritualizada e elevada, a noção de uma divindade única e universal, dotada de infinita bondade e onipotência adversa a todo cerimonial e magia, uma divindade que impusera ao homem o fim supremo de uma vida dedicada à verdade e à justiça.²

Segundo a pesquisa de Sellin, mencionada por Freud (1938-1939), os dirigentes judeus frente a seus legislados rebelaram-se contra Moisés e mataram-no, rechaçando a religião de Aton, tal como os egípcios haviam feito. Segundo Meyer, também citado por Freud (1938-1939), esses judeus vindos do Egito se uniram a outras tribos aparentadas a eles que viviam na Palestina, situada entre a península do Sinai e Arábia, no oásis do Kadesh e por influência dos árabes medianitas adotaram uma nova religião, a do deus vulcânico Jahve. E pouco tempo depois conquistam Canaã.

É fundamental notar a influência pessoal de certos homens para a história da humanidade, assim como a versão de sua morte. Nesse caso, a do possível assassinato de Moisés. Freud adota a hipótese do historiador Sellin, segundo a qual, Moisés, egípcio, teria sido assassinado violentamente no curso de uma rebelião de seu povo e ao mesmo tempo em que esses renegaram a religião instituída por ele. No longo prazo, não faz diferença que o povo tivesse rejeitado o ensinamento de Moisés e o tivesse matado. A tradição desse ensinamento permaneceu e sua influência alcançou aquilo que fora negado ao próprio Moisés. A legislação do povo judeu só bem mais tarde foi sistematizada e teve sua redação definitiva no séc. V a.C, no *códice sacerdotal*, consolidando a versão anterior cuja fonte é Moisés. Freud diz que, com toda probabilidade, a história do rei Davi e de sua época foi obra de um contemporâneo a esses eventos, realizada cinco séculos antes de Heródoto.

Além da figura de Moisés, outro elemento importante é a presença de um hábito incorporado ao povo judeu, o da circuncisão, um velho costume egípcio que passou a ter um significado particular para o povo de Israel, embora esse costume fosse comum a outras religiões, como a muçulmana. A circuncisão tem o sentido de aliança com Jahve. “Deve ser circuncidado o nascido em tua casa e comprado por teu dinheiro, e estará o meu pacto em nossa carne para aliança perpétua.”³ Moisés e a circuncisão foram fundamentais para consolidar as diferenças entre as diversas tendências religiosas naquela época.

² Idem. pag. 3269.

³ Bíblia Sagrada. Gênesis. Citado por HADDAD, J. A. *O que é Islamismo?*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

Finalizando a primeira parte, Freud conclui com a importância das fontes históricas e religiosas que levam a subjugar os homens e os povos, retomando as considerações de *Totem e Tabu* (1913).

Na segunda parte do texto, encontramos a relação desses eventos com a Psicanálise e é interessante notar a referência de Freud à transmissão oral e à escrita, com suas falhas e lapsos deixando marcas, produzindo fatos novos, cujas deformações são elementos marcantes no curso da história do povo judeu. A tradição é o elemento fundamental, é o período de latência onde a realidade histórica não é perdida, mas afirmada.

As eras há muito tempo passadas exercem uma grande e frequentemente enigmática atração para a imaginação dos homens. Sempre que estão insatisfeitos com seu ambiente atual se voltam para o passado (...). Quase se poderia dizer que quanto mais vaga é uma tradição, mais útil ela se torna para o poeta...⁴

A função linguística da transmissão encontra-se ligada à tradição e a referência de Freud é mais uma vez psicanalítica, salientando que o fenômeno da consciência originalmente adere à percepção e que todas as impressões derivadas da percepção de estímulos dolorosos, tácteis, auditivos ou visuais são habitualmente conscientes. Os princípios do pensamento e os que no “isso” lhe correspondem são por si mesmo inconscientes chegando à consciência através da função da linguagem, devido a sua vinculação com restos mnemônicos de percepções visuais e auditivas.

Outro ponto importante nessa segunda parte é aquele onde Freud (1938-1939) desenvolve a noção de “herança arcaica” no indivíduo, indícios inconscientes que transparecem na palavra, na linguagem, onde o reprimido aparece sob a forma de formações do inconsciente. Nela Freud diz que os processos neuróticos são relativos a fenômenos religiosos. A comparação é frágil, pois a análise de Freud trata de uma única religião - a judaica - sendo que, na neurose, tem conteúdos e extensão diferentes. No entanto, a religião com suas crenças, tradição e ritos apresenta uma forma especial de manifestação, cuja solução é semelhante ao que ocorre no funcionamento do aparelho psíquico do indivíduo. Freud afirma:

(...) jamais duvidei que os fenômenos religiosos só podem ser concebidos de acordo com o que nos oferecem os já conhecidos fenômenos neuróticos individuais que são reproduções de transcendentais, mas esquecidos sucessos

⁴ Freud. Op.cit. Pág. 3283.

pré-históricos da família humana, que seu caráter obsessivo obedece precisamente a essa origem e que atuam sobre os seres humanos graças à verdade histórica que contém.⁵

O monoteísmo, o egípcio – o do deus Aton, fora de seu lugar original e ocorrido com um outro povo, tem seu período de latência digno de particular atenção, quando então retorna e se impõe com mais energia, exercendo sobre as massas uma influência poderosa com pretensões de verdade. O deus único, entre os judeus e depois no Cristianismo, opera como uma recordação deformada do antigo deus-sol – Aton -, que retorna como o reprimido. Mas o monoteísmo não é privilégio dessas duas religiões, pois por volta de 600 d. C. o monoteísmo islâmico proclamara a religião ideal da unidade. Para Levinas, “o monoteísmo é o dom sobrenatural de ver o homem absolutamente semelhante ao homem sob a diversidade de condições históricas (...)”⁶. A ideia de um deus único para o Cristianismo seria caracterizada no Concílio de Latrão ao definir Deus como substância de essência divina, suprema realidade incompreensível e inefável, princípio de tudo, e realidade engendradora. A ideia do uno substituiu as imagens dos deuses do politeísmo e caracteriza o monoteísmo. Diz o poeta Mawlana: “Meu coração se fez capaz de adotar todas as formas. É pasto das gazelas e convento de monges cristãos e templo de ídolos e a Caaba dos peregrinos e as tábuas da lei e do Alcorão”⁷.

Parte alguma parte da história da religião se mostrou tão clara quanto a introdução do monoteísmo no judaísmo e sua continuidade no cristianismo. Essa ideia surgida no império egípcio, fora de seu solo nativo e assumida por outro povo após longo período de latência, foi preservada e mantida viva o que deu aos judeus o orgulho de ser o povo escolhido. Essa religião foi a religião do pai primitivo que ligou sua esperança de recompensa, de distinção e finalmente de domínio material. Essa grandiosa fantasia há muito abandonada pelo povo judeu ainda sobrevive entre os inimigos desse povo na crença de uma conspiração por parte dos velhos sábios de Sion.

Quanto ao Cristianismo, seguindo a tradição histórica, o Filho traz para si a culpa dos assassinos do Pai, por isso é redentor. Há um crescimento do sentimento de culpabilidade que tal como em *Totem e Tabu* (1913) quando retorna aparece na religião de Paulo sob a égide do pecado original, que só a morte pode expiar na figura do Cristo. A partir daí, deu-se a separação do Judaísmo da nova religião – o Cristianismo. A fantasia redentora do Filho é

⁵ Op.cit., Pág. 3274

⁶ Cf.Haddad, J. *O que é o islamismo?*. São Paulo: Brasiliense, 2000. Pág.24.

⁷ Idem. Pag. 26

saudada no Evangelho como um sucesso, restando aos judeus uma culpa trágica irreparável. O Judaísmo fica como a religião do Pai, dos profetas, religião não renovada, mas, mesmo assim, a do povo eleito. Essa ideia da preferência de Deus por seu povo, no entanto, é vigente também para os muçulmanos. A reivindicação dessa primazia entre muçulmanos e judeus deu origem à cisão entre dois ramos do semitismo e que permanece viva até nossos dias sem solução imediata. Porém, nenhum outro setor da história das religiões adquiriu para o ocidente tanta transparência como o monoteísmo judeu e sua continuação no Cristianismo. *Moisés e o Monoteísmo* apresenta uma solução psicológica que ultrapassa a condenação e repetição do assassinato primitivo, ainda que essa solução apareça na sociedade contemporânea um como sintoma.

A consequência histórica para o povo judeu é que além de terem assassinado Moisés, o Pai, assassinaram também o Filho de Deus, seja o Pai ou o proto-pai e também o Filho redentor. Esses fatos históricos geraram um fenômeno intenso e persistente: o ódio ao povo judeu, que, para Freud, deve ter mais de uma razão, culminando com a perseguição da revolução socialista alemã. Freud enumera alguns outros motivos que trouxeram, além de consequências históricas conhecidas, consequências psicológicas e imaginárias que permitem uma análise atual dos sintomas da neurose.

Freud (1938-1939) enumera ainda alguns elementos que motivaram o ódio ao povo judeu:

- 1) a recriminação por se sentirem estrangeiros em seus países sendo que, em muitos lugares dominados pelo anti-semitismo, a população mais antiga era de judeus e instalada antes dos habitantes atuais;
- 2) o fato de viverem em minorias; ou seja, o sentimento de comunidades de massa que precisa para realizar-se do ódio contra as minorias;
- 3) o fato de serem herdeiros de povos mediterrâneos e de cultura distinta da cultura dos povos nórdicos e com a consequente intolerância frente as essas diferenças;
- 4) a capacidade de impor-se em atividades dirigidas à subsistência, com grandes contribuições à cultura;
- 5) a inveja presente no inconsciente dos povos, daqueles que ousaram se proclamar filho primogênito e predileto de Deus;
- 6) o costume da circuncisão que evoca a temida castração, temor dos não convertidos adoradores de um politeísmo bárbaro.
- 7) o ódio aos judeus - o ódio aos cristãos que expressa a vinculação entre as duas religiões monoteístas perseguidas pela revolução socialista alemã.

A terceira e última parte do texto é uma investigação histórico-psicológica que combina trama material e probabilidade psicológica mostrando a importância de Moisés para o monoteísmo judeu. Sua influência perpassa todas as influências regionais para trazer um deus universal ao seio do povo judeu. Com isso, os judeus asseguraram a posição de povo eleito, exacerbando sua autoestima. Uma das provas é o Êxodo, saga transformada em assunto de fé. Moisés ocupa o lugar inicial na cadeia causal ou na trama das causações, é uma autoridade, um homem de ação, que opera a transformação do deus popular Jahve em um deus único adorado. Isso coloca o deus dos judeus em um lugar privilegiado, um deus intelectual não representado por uma imagem. Há um triunfo da intelectualidade sobre a sensualidade; a materialidade é a cultura textual, o que fica reprimido, nessa ordem intelectual, são recordações, reflexões e juízos. Esse triunfo da espiritualidade deu lugar à fé e à convicção de povo eleito, reforçando a autoestima, mas ao mesmo tempo acentuando a culpa e, conseqüentemente, a força do “super eu”.

O resultado foi a separação da religião judaica das outras religiões. Quanto à aproximação ao fenômeno da vida psíquica o “retorno do reprimido”, deformado em relação a seu conteúdo original da vida de um povo, aparecerá como sintoma que reanimado exige satisfação, surgindo então, como uma nova via, mas com a mesma motivação. O “retorno do reprimido” foi levado a termo lentamente sob a influência de todas as mudanças das condições de vida que afloraram na história da cultura.

No monoteísmo, a adoração de um deus único, concede o poder a esse deus que reúne todos os outros, participação na eternidade, na verdade, no desejo, na ilusão. Fica restabelecida a grandeza do proto-pai da horda primitiva, “os afetos a ele dirigidos podem então repetir-se”.⁸

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ÉTICO-POLÍTICAS E PSICANALÍTICAS

Freud é um pensador capaz de extrapolar limites. O texto *Moisés e o Monoteísmo* é um testemunho e um exemplo disso. Com ele, somos levados a refletir sobre a questão atual da disputa territorial entre árabes e judeus que tem como origem a cisão religiosa entre dois ramos do semitismo e que permanece viva. Freud é um precursor dessa visão.

⁸ Op.cit. pag. 3322.

O desafio teológico político de nossos dias apresenta conflitos entre dois lados: árabes e judeus, oriente-ocidente, conflitos que são predominantemente por poder entre regimes políticos e não propriamente entre duas culturas, o que demonstra que liberdade e dominação são desafios presentes a todas as culturas. A análise filosófico-política tem como objetivo confrontar os diversos argumentos presentes, para deles extrair uma interpretação, nesse caso para a Psicanálise.

O Ocidente entrou na modernidade dissociando a autoridade da Igreja do Estado surgindo daí a liberdade político-religiosa e de costumes, onde os governantes se ocupam dos cidadãos e não dos crentes. Nos países de orientação religiosa muçulmana, ainda que os pensadores do Al-Andalûs⁹ tentassem distinguir e tornar compatíveis a racionalidade e a crença, as regras do direito e os mandamentos da fé, a separação entre a ordem civil e religiosa nunca se concretizou realmente na história e na mentalidade desse povo. Historicamente o Islamismo recusou a soberania do sujeito cartesiano, a independência dos indivíduos e a secularização dos costumes do modelo de pensamento ocidental. O Islamismo é civil por essência, mas esse “*civitas*” é coextensivo à sociedade religiosa fundada sobre três pilares: a crença, o culto e a moral.

Os novos contornos políticos do mundo, segundo pensadores americanos como Bernard Lewis e Samuel Huntington, apresentam nações-continentes (EUA e Europa) que acolhem fundamentalmente o conflito árabe-judeu, oriente-ocidente. Entretanto a análise desses autores, apesar das tendências conservadoras que assumem, aponta para um desmentido da uniformização do mundo devido à emergência de blocos civilizatórios regionais, como a América Latina e a China, em torno dos quais gravitam outros estados e problemas específicos.

Se, por um lado, o reconhecimento de uma visão múltipla favorece o multiculturalismo e o relativismo de valores, por outro representa uma visão conservadora, onde um “choque de civilizações”, na defesa da posição americana para o conflito apresenta a posição do mundo árabe como dogmática na qual se tomam conjecturas por verdades, a palavra de Deus do Alcorão por ela mesma, baseando-se em verdades intocáveis e inalienáveis. Mas se o “choque de civilizações” é verdadeiro, afirmando que o progresso da humanidade sempre se deu nessa perspectiva de confronto, o contrário também é verdadeiro. Dessa forma, Abdelwahab Medeb (escritor e poeta tunisiano) em *Contre-prêches*, ao tentar

⁹ Al- Andalus: designa em árabe um espaço [a região da península ibérica submetida à dominação muçulmana durante sete séculos (711-1492) e uma formação político-cultural: (desenvolvimento artístico, científico e arquitetônico). In HOURANI, A. *Uma História dos Povos Árabes*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

compreender fatos novos nesse contorno político contemporâneo, como a guerra no Iraque ou no Líbano, e escapar de dualismos, que segundo ele liquida o princípio de justiça, deixando a infâmia prosperar o que favorece sempre o pior. No entanto, reconhece que todas as tentativas, desde a 2ª guerra (1945) e a criação do estado de Israel (1948), arruinaram toda tentativa teórica e política. Mas, mesmo assim, segundo ele, há um trabalho a fazer: propõe uma dinâmica crítica, longe de uma identidade entre Islã e islamismo e onde a caça aos demônios pode encontrar eco na referência ocidental, pois o que está em jogo é o desafio entre duas entidades políticas. Propõe que os dois lados deixem de lado suas identidades e assumam o “entre dois”, “entre duas” linguagens, “entre duas” culturas, “entre dois” continentes, dando assim lugar ao sujeito.

Essa interpretação nos remete em Psicanálise à referência lacaniana para o lugar do sujeito no conflito: “entre dois” – “entre dois” significantes (onde o significante não representa o significado, mas representa um significante para outro significante). O elemento estrutural que sustenta essa divisão é justamente o discurso e o discurso político servirá a esse fim, com base numa interdição (castração) presente em todo ser falante. É, portanto, a divisão mesma que definirá o sujeito nesse conflito. J. A. Miller no texto de S. Cottet (1987) fala de uma “sutura” construída entre o sujeito e o significante, onde algo falta: lugar do Um – Pai, como faltante, mas não ausente, referência última para o sujeito. A significação da paternidade reproduz o evento mítico através do qual Freud reconstruiu o caminho, no inconsciente de todo homem do mistério da paternidade. Dessa forma, segundo Medeb¹⁰, ao dar lugar ao sujeito, pode ser que haja uma civilização disposta a luta pela justiça, pelos direitos do homem e pelo avanço da ciência com a preocupação de preservação da vida em nosso planeta.

Em outra versão, Edward Said (2007), da Universidade de Columbia, afirma que todas as culturas quando se constituem são híbridas, influenciam-se, misturam-se e imitam-se. A civilização preconizada por Samuel Huntington (1969), do John M. Olin Institute for the Strategic Studies, com culturas estanques e imutáveis com uma visão de um mundo permanentemente em guerra e que assim continuará, para Said não existe. Said afirma como argumento para essa inconsistência que toda cultura viva se transforma e que a representação escolhida é o resultado de grupos de influência e compromissos que mudam de uma geração a outra. Os dominados tornam-se dominantes, os marginais tornam ao centro e a cultura da

¹⁰ Medeb, A., *Contre-prêches*. In HABIB, S. “Abdelwahab Medeb”. *Literatura Magrebina Língua Francesa*. Paris: EDICEF AUPELF, 1996.

identidade coletiva dá lugar a outros traços. Nessa perspectiva, prevalece o papel da intersubjetividade, o que é válido é que essas culturas têm seu tempo de compreender. Nessa empreitada, há um trabalho de historicização de um sintoma, tal como constatamos na análise, o que permite ao sujeito um reconhecimento do outro e revela as variações do sintoma. Exemplo disso foi dado em Istambul (em 2007) por ocasião da apresentação do relatório “Aliança de civilizações”, quando o secretário geral da Organização das Nações Unidas (ONU) - na ocasião Kofi Annan, então secretário-geral da ONU (1997-2007), assinalou que a fusão de diferenças de opinião, cultura, crença e modo de vida tem sido desde sempre o motor do progresso humano. A Europa teria dado um exemplo disso, quando a península Ibérica construiu um patamar civilizatório de interação entre as tradições muçulmana, cristã e judaica. As ideias, a técnica e arte muçulmana contribuíram para esse aporte cultural, mas teriam sido enriquecidas pela contribuição da cultura judaico-cristã.

O início da mundialização foi marcado pela violência e pela intolerância, mas o movimento migratório dos países mais pobres em direção aos mais ricos levou cada vez mais um número expressivo de pessoas de religião e cultura diferentes a conviverem com suas diferenças. Porém, a diabolização do outro tem se revelado uma via fácil para o ódio, a xenofobia e o preconceito. No século XXI, a palavra de ordem dos países desenvolvidos é o direito e a justiça, mas o que se verifica é que os homens se tornaram impotentes e prisioneiros do seu discurso. A anatomia do conflito coloca de um lado do corpo político, os muçulmanos, para quem o Ocidente é uma ameaça não só às suas crenças e valores mas também a seus interesses econômicos e aqueles para quem o Islã representa uma ameaça fundamentalista extremista e violenta. Mesmo se esses dois mundos tenham experimentado desde sempre relações comerciais e de cooperação econômica.

Freud, ao colocar em evidência o Monoteísmo, avança essas questões atuais, mostrando que tanto a religião judaica como a muçulmana são duas versões do monoteísmo, o que também é confirmado pelo Alcorão ao dizer que os homens inicialmente formavam uma só nação sendo depois separados em famílias, tribos e nações, para que separados atingissem maior compreensão. Freud ainda acentua no texto que os muçulmanos tinham os mesmos costumes judeus na formação de suas comunidades. Do ponto de vista religioso, as religiões monoteístas diferem quanto aos seus cultos e ritos, mas não diferem num só aspecto, a do poder do Pai, Patriarca, Profeta, Messias – questão nuclear.

É interessante notar que, no fim de sua vida, Freud escreveu, não propriamente sobre uma religião ou outra, mas sobre o Pai, fonte unificadora, que estabelece a linhagem através da qual o sujeito regra sua vida. O fenômeno é que, quando isso é colocado em termos

religiosos, na vida da coletividade torna-se sintoma, com as mesmas consequências que tem o neurótico. Uma delas é o “retorno do reprimido”, depois de um período de latência que juntamente com efeitos do trauma, está situado entre uma das características essenciais da neurose. O texto mostra ainda a polêmica figura de Moisés, e é importante salientar que tanto faz sua origem, pois o que importa é a função que ele exerceu, a de um Pai.

A questão correlata é o enigma da morte de Moisés que, se assassinado, reforçaria o sentimento de união na comunidade judaica estabelecendo uma ordem fraterna. As consequências desse fato são éticas e para Freud esse elemento está diretamente ligado à restrição instintual: o sensorial, o mau e o profano dão lugar ao espiritual, ao bem e ao sagrado, uma vitória da intelectualidade sobre a sensualidade. Mas o elemento atávico, a “herança arcaica” continua a agir e essas forças que agem inconscientemente se interpõem à formação comunitária. Essa unidade está presente na comunidade judia, mas não é privilégio do povo judeu. Essa herança arcaica se apresenta como fenômeno residual e se encontra atualizada no trabalho de análise. Segundo Freud, disposições inatas são características de todos os organismos vivos e corresponde a uma tendência de ingressar em linhas específicas de desenvolvimento e de reagir de maneira específica a certas excitações, impressões e estímulos¹¹. O instinto no humano não seria diferente dos animais e faz com que se comporte, numa nova situação, de forma antiga e conhecida... sua própria herança arcaica corresponde ao instinto dos animais, ainda que diferente em extensão e conteúdo. A primeira forma de organização social ocorreu com a renúncia ao instinto, em reconhecimento de obrigações mútuas, com a introdução de instituições definidas, pronunciamentos sagrados, o que equivale dizer, aos primórdios da moralidade e do direito¹².

A tese de Freud em *Moisés e o Monoteísmo* é que é impossível prescindir desse fator da evolução biológica e que, apesar das qualidades adquiridas que devemos à educação, por exemplo, da comunicação da tradição de um povo e a formação de um caráter étnico,

é seguramente impossível imaginar uma dessas heranças sem a outra. Ao admitirmos a conservação desses elementos mnemônicos na nossa herança arcaica, superamos o abismo da psicologia individual para a coletiva e com isso é possível abordar os povos como o indivíduo neurótico¹³.

Os limites para Freud (1938 - 1939) não são, pois, religiosos nem geográficos, mas do homem. Só o trabalho analítico pode evidenciar a luta que se presentifica no homem através

¹¹ Op. cit. Pág. 3300.

¹² Op.cit. Pág. 3290.

¹³ Op.cit. Pág. 3301.

de forças internas, do “isso” do “eu” e do “super eu”, entre o que o homem quer para si e o que pode na vida em sociedade com outros homens.

Penso que estamos completamente justificados’ em encarar o totemismo com sua adoração de um substituto paterno como uma forma em que a religião se manifestou na história humana em confirmar o fato de ter sido vinculado desde o início às regras sociais e obrigações morais ¹⁴.

Esse trabalho somente é possível através da “castração”: o sentimento amoroso pelo pai tratado como perigo interior que o leva ao mesmo perigo externo. Em suma, uma marca de humanidade que se mostra terrível tanto como punição ou como prêmio de amor, mas sem a qual a interpretação e ascensão do sujeito são impossíveis. Sempre haverá na história do sujeito ou excesso de pai ou insuficiência de pai, haja vista que o Pai se mensura justamente pela dimensão que tem para um sujeito. Essa incerteza potencial do Pai, mediada pelo inconsciente e submetida a esse sonho acordado do filho que tem os pais como tema, aponta para uma restrição e para a ambivalência característica do complexo paternal em cada criança e em cada neurótico.

Em tempos de “choque de civilizações”, Freud mostra através do texto *Moisés e o Monoteísmo*, que o destino das comunidades humanas não é diferente do destino do homem. A característica marcante de uma pretensa superioridade de um sobre o outro, o que justificaria a perseguição, não é diferente dos efeitos do conflito interno humano que, quanto mais acentuado, mais a ação do “super eu” se faz presente na vida social. A consequência lógica é o que Freud (1938 - 1939) chama de “culpa trágica”. Diz que eles, os judeus, foram submetidos à recriminação, por não admitirem que mataram Deus e, mostra o quanto de verdade se esconde atrás dessa recriminação, pois os judeus tentaram expiá-la com severidade. O ensinamento que Freud nos dá é que, em relação à figura do pai, para além da culpa e do remorso, há a admiração impregnada de ressentimento, mas que é necessária, numa certa medida, deixar de temê-lo embora o desejo seja o de se identificar com ele. Essa é uma relação ambivalente, herdeira de um desejo de proteção contra a impotência humana, o que explicaria no neurótico a dependência e a necessidade da Providência Divina. Aos olhos de Freud (1938 – 1939), essa regressão à religião procede dessa demanda de pai que retorna sobre outra função paterna, a de orientação edípica do desejo. O pai é o polo de um verdadeiro tropismo simbólico. É essa nostalgia em relação ao pai, que habita o ser humano desde sua infância. O mito do Pai está com seu valor inconsciente, ligado à paternidade, liga-se à

¹⁴ Op.cit. Pág. 3290.

estrutura da socialização. Os traços paternais que são revelados como do “grande homem” testemunha dessa força, dessa vontade, dessa indiferença divina que pode ir até o menosprezo, mas que solicita admiração, confiança e medo, são para a criança as qualidades do “grande homem”. É essa sintaxe que pode ser interrogada como sintoma paterno, presente no homem e na civilização monoteísta – a do Pai. É necessário compreender que é aí que se origina e opera o nascimento do sujeito desejante, obrigado a entrar à força na relação social. Para ser sujeito numa dimensão social, é necessário passar por essa figura de Pai, centro das religiões monoteístas. O que Freud procurou mostrar no texto *Moisés e o Monoteísmo* é que o pai dos judeus pode bem ser que não tenha sido judeu, pode ter sido qualquer um, mas foi pai. A originalidade do homem como sujeito ao inconsciente seria projetar esse pai para alcançar seu desejo tanto de forma individual como coletiva, mas isso só é possível otimizando seu sintoma.

E, finalmente, para que haja esse apelo ao sujeito, o lugar do pai aí está, onde o pai real dá sua face a esta face anônima, cuja função é restituir ao mundo sua realidade não religiosa.

REFERÊNCIAS

ANNAN, K. “Alliance des Civilisations”. *Le Monde Diplomatique*. Paris : Février, 2007.

BIBLIA SAGRADA. Tradução Domingos Zamagna. Petrópolis: Vozes, 2005.

COTTET, S. *Je pense ou je ne suis pás, jê suis où je ne pense pas*. In : Lacan (sous la direction de Gérard Miller). Paris : Bordas, 1987.

FREUD, S. *Moises y La religion Monoteísta*. In: Obras Completas. Ensaio CLXXXVI. Tomo III. 4. ed. Madri: Biblioteca Nueva, 1981a.

_____. *Inhibicion, Sintoma Y Angustia*. In: Obras Completas. Ensaio CXLV. Tomo III. 4. ed. Madri : Biblioteca Nueva, 1981b.

_____. *Totem y Tabu*. In: Obras Completas. Ensaio LXXIV. Tomo II. 4.ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981c.

_____. *Moises e o Monoteísmo*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução Maria Aparecida M. Rego. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

HABIB, S. “Abdelwahab Medeb”. *Literatura Magrebina Língua Francesa*. Paris: EDICEF AUPELF, 1996.

HADDAD, J. A. *O que é Islamismo?*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

HOURANI, A. *Uma História dos Povos Árabes*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HUNTINGTON, S. *O Choque das Civilizações*. Rio de Janeiro: Editora objetiva 1969.

LACAN, J. *O Seminário – Livro 20 - Mais, Ainda*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1982.

_____. *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano*. In: Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

LE NOUVEL OBSERVATEUR. *Le Monde Selon les Grands Penseurs Actuels*. Paris: Scali, 2002.

LEWIS, B. *A Crise do Islã: Guerra santa e terror profano*. Tradução Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MAGALHAES, F. *Tempos Pós-Modernos: A globalização e as sociedades pós-industriais*. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 108.)

MILLER, J-A. “Religião, Psicanálise”. In: *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, Nº. 39, maio de 2004.

SAID, E.W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ZIZEK, S. *La Subjectivité à Venir: Essais critiques*. Paris: Flammarion, 2006.

ZIZEK, S. DALY, G. *Arriscar o Impossível: Conversas com Zizek*. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins, 2006.